



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

PAULO SÉRGIO NUNES DOS SANTOS

**DA LUTA E MARCADA PARA VIVER:
A TRAJETÓRIA DE ELIZABETH TEIXEIRA**

GUARABIRA-PB
2023

PAULO SÉRGIO NUNES DOS SANTOS

**DA LUTA E MARCADA PARA VIVER:
A TRAJETÓRIA DE ELIZABETH TEIXEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: História e Estudos Culturais
– Etnia, Crença, Gênero e Sensibilidades.

Orientadora: Prof^a Dra. Dayane Nascimento Sobreira

GUARABIRA-PB
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237I Santos, Paulo Sérgio Nunes dos.
Da luta e marcada para viver: [manuscrito] : a trajetória de Elizabeth Teixeira / Paulo Sérgio Nunes dos Santos. - 2023.
20 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira, Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Elizabeth Teixeira. 2. Ligas Camponesas. 3. Filhos. 4. Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 300

PAULO SÉRGIO NUNES DOS SANTOS

**DA LUTA E MARCADA PARA VIVER:
A TRAJETÓRIA DE ELIZABETH TEIXEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História e Estudos Culturais – Etnia, Crença, Gênero e Sensibilidades.

Aprovada em: 04/07/2023

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dr. Luiz Mário Dantas Burity
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 ELIZABETH TEIXEIRA: MARCAS DE UMA HISTÓRIA SOFRIDA – E RESISTENTE.....	10
3 OS FILHOS DE ELIZABETH TEIXEIRA: UMA TRAMA, VÁRIAS HISTÓRIAS.....	12
4 ELIZABETH APÓS A MORTE DE JOÃO PEDRO.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

DA LUTA E MARCADA PARA VIVER: A TRAJETÓRIA DE ELIZABETH TEIXEIRA

Paulo Sérgio Nunes dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a trajetória de vida e resistência da militante paraibana Elizabeth Altina Teixeira. Aborda seus itinerários políticos, sociais e pessoais, ressaltando seu aporte na luta contra os latifundiários e a favor dos(as) trabalhadores(as) do campo. Sendo assim, objetivamos, nesta pesquisa, analisar a trajetória da liderança feminina Elizabeth Teixeira enquanto representante das Ligas Camponesas de Sapé, movimento social que, na Paraíba, emergiu a partir da década de 1950, mas não só, visamos, antes de tudo, destacar sua história de vida. Além disso, também destacamos a história de outras personagens, que estão atreladas às narrativas que configuraram os remotos episódios, muitos rememorados pela própria Elizabeth. A investigação, portanto, caracteriza-se por ser uma pesquisa bibliográfica e documental, cuja abordagem é de cunho qualitativo e as fontes de dados basilares foram vídeos-documentários disponíveis no Youtube, utilizados no texto de forma indireta, e também o Relatório Estadual da Comissão da Verdade (2014 [2017]). As principais referências que dialogamos foram Rangel (2000), Nunes (2011), Rosa (2015) e Rocha (2016). Espera-se, então, que este artigo contribua para o não esquecimento da memória da líder camponesa Elizabeth Teixeira e para a história das mulheres no estado.

Palavras-chave: Elizabeth Teixeira; Ligas Camponesas; Filhos; Paraíba.

ABSTRACT

The central theme of this work is the life and resistance trajectory of the militant from Paraíba, Elizabeth Altina Teixeira. It approaches her political, social and personal itineraries, emphasizing her contribution in the struggle against the landowners and in favor of the rural workers. Thus, our goal in this research is to analyze the trajectory of the female leader Elizabeth Teixeira as a representative of the Peasant Leagues of Sapé, a social movement that, in Paraíba, emerged in the 1950s, but not only that, we aim above all to highlight her life story. Moreover, we also highlight the story of other characters, who are linked to the narratives that shaped the remote episodes, many of which were recalled by Elizabeth herself. The research, therefore, is characterized as bibliographic and documentary research, with a qualitative approach, and the basic data sources were documentary videos available on Youtube, used in the text indirectly, and also the State Report of the Truth Commission (2014 [2017]). The main references we dialogued with were Rangel (2000), Nunes (2011), Rosa (2015), and Rocha (2016). It is hoped, then, that this article will contribute to the non-forgetfulness of the memory of peasant leader Elizabeth Teixeira and to the history of women in the state.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História (UEPB/Campus III). E-mail: paulosergionunes1998@gmail.com.

Keywords: Elizabeth Teixeira; Peasant Leagues; Children; Paraíba .

1 INTRODUÇÃO

As Ligas Camponesas de Sapé destacaram-se como movimentos sociais que se intensificaram entre o final dos anos 1950 e início dos anos de 1960, especialmente no Nordeste do Brasil. Visa-se uma reforma agrária no país, tendo como um dos principais líderes João Pedro Teixeira, que foi assassinado em 02 de abril de 1962 na Paraíba. Tal movimentação aconteceu no município de Sapé-PB. Discutiremos a partir dos desdobramentos desse movimento o protagonismo de Elizabeth Altina Teixeira, esposa de João Pedro, que após sua morte passa a ser a principal representante das Ligas. Nesta perspectiva, analisaremos Elizabeth enquanto figura feminina que vai ganhando destaque em frente a este movimento, e que logo após a morte de seu marido, a mesma passa a ser o alvo da repressão do Estado.

Como mencionado anteriormente, estes movimentos liderados por camponeses tinham como objetivo fundamental lutar para garantir aos trabalhadores do campo, uma maior qualidade de vida, bem como atestar os direitos que eles(as) possuíam. Essas questões começam a ser sinalizadas, e a se tornarem uma realidade a partir da década de 1950, no que se refere à Paraíba. Para tanto, o que configura o início desses movimentos de resistência é o embate desses trabalhadores(as) com os latifundiários proprietários de terra. De acordo com o historiador Paulo Giovanni Nunes (2011):

A questão agrária na Paraíba só passou a ser questionada no final da década de 1950, com as mudanças profundas ocorridas nas relações de produção no interior do sistema latifundiário, que culminaram com a expropriação definitiva do camponês e a sua conseqüente expulsão da terra. Neste momento, os camponeses começaram a resistir, com a criação das Ligas Camponesas e dos sindicatos rurais (NUNES, 2011, p. 03).

Logo, cabe salientar que todas essas reações de confronto estavam ligadas ao desejo de que acontecesse uma reforma agrária no Brasil. Neste contexto, cabe ressaltar que esse embate se torna mais presente e intenso nos anos finais da década de 50, quando efetivamente começam as expulsões desses trabalhadores(as) das terras onde trabalhavam, essas truculências eram feitas pelos latifundiários. A partir desse momento é que foi criada a Associação dos Trabalhadores Agrícolas da Paraíba, que passaria a ser chamada posteriormente, de Liga de Sapé. E que de alguma forma se assemelha aos movimentos que estavam acontecendo em Pernambuco.

Esta Associação Agrícola, inicialmente, buscava de certa forma evitar que sua imagem estivesse atrelada ao ideário comunista, mas, com o crescimento desse movimento do campo, começaram também surgir discussões sobre essa temática na esfera política. Para tanto, o então governador Pedro Gondim buscou distanciar-se tanto dos latifundiários, quanto dos camponeses para que prevalecesse neste cenário um não favoritismo a nenhum dos lados, com o intuito que a lei fosse soberana sobre este conflito. Sobre esse contexto político, o historiador Paulo Giovanni Nunes (2011) descreve:

Diante dos conflitos mais sérios envolvendo camponeses e proprietários, a atitude inicial de Gondim pautava-se na concepção de legitimidade das

Ligas e, assim, caracterizava-se pela não aceitação do uso da repressão e da violência contra o movimento. Ao não aceitar o uso da violência contra as manifestações dos camponeses, o Governo procura adotar a difícil posição de relativa imparcialidade, esperando que a resolução dos conflitos se desse através de medidas judiciais, ou seja, pelo respeito às leis (NUNES, 2011, p. 05).

A Liga de Sapé inicialmente foi liderada por João Pedro Teixeira, nascido em Pilõezinhos-PB, no ano de 1918, que naquela época pertencia ao município de Guarabira-PB. Esse desejo de buscar melhorias para os trabalhadores nasce nele desde quando era criança, e estes mesmos objetivos eram encontrados em seu pai, é daí que surge esse heroísmo atribuído a João Pedro, pois ele vivencia essas situações de conflitos acontecendo com seu pai, e vai se formando como um cidadão que busca a igualdade e a garantia dos direitos.

É no ano de 1955, que junto com outros companheiros, sendo eles Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, que começam as conversações que dariam início a este movimento que conhecemos hoje como Ligas Camponesas de Sapé. Daí em diante é que esse movimento começa a ganhar proporções maiores e outros membros passam a aderir a este pensamento, que posteriormente buscava reivindicar melhores condições de trabalho para o trabalhador(a) do campo, um dos principais questionamentos eram em relação ao “cambão”, que era fundamentado na troca de trabalho pelo uso das terras daqueles grandes proprietários. Para Victor Pessoa (2015):

Com o passar do tempo, os associados das Ligas passaram a reivindicar direitos trabalhistas, lutando por melhores condições de trabalho e contra as várias arbitrariedades dos patrões, que os submetiam a diversas formas de exploração. Destacamos aqui a luta contra o “cambão”⁵⁹ e os constantes aumentos do “foro”⁶⁰, bem como a luta contra a utilização, por parte dos latifundiários, de capangas e polícia privada para resolução dos conflitos agrários (PESSOA, 2015, p. 45).

Logo, as Ligas de Sapé sobre a presidência de João Pedro vai se avolumando e tornando-se bastante conhecida naquela região, onde os trabalhadores daquelas localidades começaram a aderir a este movimento que visava melhores condições de trabalho para os mesmos, com essa adesão passam a ser a maior do país, chegando a contabilizar 13.000 membros. Com esse aumento significativo de membros, os latifundiários tentam de alguma forma reprimir as ações que os camponeses estavam realizando naquela região, inclusive oferecendo benefícios para eles não continuarem a luta.

A repressão às Ligas de Sapé, infelizmente, começa a gerar situações que deixam os membros e, principalmente o presidente com medo de que os latifundiários viessem a tirar sua vida, esse medo torna-se realidade e este movimento passa a ser liderado por Elizabeth, sua viúva, juntamente com os outros membros como Nego Fuba e Pedro Fazendeiro, com o advento da ditadura militar de 1964, ela se ver em uma situação complicada e se submete ao exílio, já os outros dois companheiros de luta não tiveram a mesma sorte e acabam sendo presos pelo Exército.

Discutiremos o protagonismo de Elizabeth frente à Liga de Sapé e também um pouco de sua trajetória de vida. A mesma passa por diversos imbróglis que faz-lhe tomar decisões que de certa forma modificaram toda sua história e frustram as expectativas que sua família visava para sua vida. Nestas circunstâncias, observamos as faces que perpassam os caminhos de Elizabeth e João Pedro, e, de

forma mais objetiva, destacaremos as dificuldades enfrentadas por ela depois do assassinato de João Pedro. Que, de certa forma, se intensificaram com o golpe militar de 1964, ampliando de forma mais explícita a perseguição sobre os líderes das Ligas.

Como fontes, utilizaremos as memórias da própria Elizabeth, com o intuito de destacar o seu protagonismo enquanto figura feminina. Dentro dessas questões também debateremos os discursos que envolvem a personagem como uma mulher marcada pelo sofrimento, e nestas perspectivas iremos dialogar essas narrativas juntamente com o discurso do filme “Cabra Marcado para Morrer”, de 1984, do cineasta Eduardo Coutinho. O filme mostra-nos a trajetória de Elizabeth e os conflitos que transcorrem sobre sua liderança enquanto representante da Liga de Sapé, bem como o período que a mesma passou refugiada no Rio Grande do Norte, sobre represália da ditadura civil-militar.

Discutiremos perquirições que envolvem Elizabeth Teixeira no que diz respeito à sua figura enquanto mãe, e os entraves que se faz presente em todo seu itinerário, durante toda sua vida política e pessoal. Buscaremos desenvolver uma narrativa que trata como foco principal os discursos proferidos por ela, e sua colocação como figura substituta de João Pedro Teixeira na luta contra os latifundiários e, que, por conseguinte, visavam uma reforma agrária para que os trabalhadores(as) pudessem ter uma qualidade de vida melhor, que tivessem direito à terra para terem uma subsistência mais digna, e que não tivessem que deixar suas moradias em busca de melhores condições de vida.

Destacaremos alguns aspectos que nos mostram o esquecimento das memórias de Elizabeth, que historicamente foram e ainda são deixadas de lado por se tratarem de memórias de mulheres, sujeitas historicamente às margens da historiografia. Nota-se que essa situação torna-se presente na história de Elizabeth, atualmente isso tem se amenizado, já existem trabalhos relevantes que trazem suas memórias e histórias, bem como entrevistas disponíveis no Youtube, algumas das quais analisamos aqui neste trabalho. Mas durante muitos anos não se falava sobre este protagonismo de Elizabeth no que se refere à sua liderança e as adversidades pelas quais ela passou, menos com alguns impasses a mesma consegue se sobressair dessas amarrações que a sociedade firma como não permitidas ao feminino. Interessante dizer também que muitas vezes sua memória é acionada remetendo-se ao fato de que ela, como viúva de João Pedro, passou a liderar a Liga de Sapé após a morte deste. É importante sinalizar que essas narrativas trazem para o centro o protagonismo de seu marido, deixando de lado os pormenores da história dela. Tecemos esse trabalho com um olhar atento a esse dado, tentando escrever essa história a contrapelo, dialogando aqui com o filósofo Walter Benjamin (1996).

A história de Elizabeth, para tanto, não se inscreve na história paraibana de modo individualizado. A partir dos anos 1970 começam a surgir outras mulheres engajadas nessas lutas em defesa dos direitos dos trabalhadores na Paraíba. Uma delas foi Margarida Maria Alves, líder sindical que estava à frente dos movimentos que visavam trazer melhores condições de vida para os trabalhadores e trabalhadoras rurais do brejo paraibano. Margarida era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande e tinha o compromisso de lutar para que essas pessoas que trabalhavam no campo tivessem seus direitos garantidos, pois depois de um determinado tempo cuidando dessas terras, os latifundiários os expulsavam sem que tivessem direito a nada.

Diante dessa resistência com esses latifundiários, eles começam a enfrentá-la de forma mais direta com ameaças, e chegam a assassiná-la no dia 12 de agosto de

1983. Para tanto, podemos observar que este crime também está envolto de questões de gênero, tendo em vista a forte presença que a figura de Margarida estava se tornando, presença essa que não era habitual naquela época. Dessa forma ela cumpre com suas palavras, diante da alerta dos seus companheiros: “é melhor morrer na luta do que morrer de fome”, frase sua que ficou imortalizada na história e hoje inspira muitos e muitas que lutam em prol do coletivo.

Assim como em Elizabeth, esse desejo de lutar pelos direitos também se faz presente em Margarida, mesmo em períodos distintos, mas sobre o período da ditadura militar essas duas mulheres enfrentaram a fúria de seus algozes. Elizabeth, com medo da morte, se refugia em outro Estado, já Margarida teve sua vida ceifada de forma tão cruel. Não podemos deixar essas histórias esquecidas, temos que elucidar a memória desses movimentos liderados por essas mulheres, que mesmo diante de um contexto que tanto reprimiu as mulheres, se destacaram como símbolo de resistência.

Também, além de Elizabeth Teixeira e Margarida Alves, muitas outras mulheres se insurgiram contra o sistema vigente – a ditadura civil-militar e o latifúndio – na região (ROSA, 2015). Uma delas é Ophélia Amorim, advogada das Ligas de Sapé, que também foi presa pela ditadura, inclusive junto com Elizabeth; outra personalidade foi Maria da Penha do Nascimento Silva, que lutou junto com Margarida e deu continuidade à luta após a morte dela, e também ajudou a fundar o Movimento de Mulheres do Brejo (MMB) (SILVA, 2022).

2 ELIZABETH TEIXEIRA: MARCAS DE UMA HISTÓRIA SOFRIDA – E RESISTENTE

Figura 1 – Elizabeth Teixeira em depoimento à Comissão Estadual da Verdade (2014)



Fonte: Arquivo da CEVPM-PB

A vida de Elizabeth Altina Teixeira é marcada por adversidades desde sua infância, natural de Sapé na Paraíba, uma cidade interiorana onde as limitações de uma sociedade patriarcal, de certa forma, já conseguia impor barreiras em seus desejos. Estas configurações são representadas na figura autoritária de seu pai, Manoel Justino da Costa, que a partir da gravidez de sua mãe Altina Joaquina de Jesus Costa já desejava que viesse um menino. Após o nascimento, seu pai fica totalmente frustrado, pois havia uma centralização mais forte na figura masculina e no desejo de se ter sucessores homens. Então percebe-se que o sofrimento dela, e as marcas das quais surgirão na sua vida tem raízes densas e que foram plantadas

desde sua infância. Sobre isso Ayala Rocha descreve:

Aliás, já cheguei trazendo descontentamento. Papai queria que o seu primeiro filho fosse homem - um menino. Segundo mamãe, ele ficou muito decepcionado e, com pesar, teve que guardar os foguetões. Naquele tempo, quando a parteira dizia:

- Nasceu! É homem!

Dali um minutinho, começava a festança: ao som das explosões. Entretanto, e fosse mulher, era o silêncio da decepção machista, e não havia nenhuma comemoração (ROCHA, 2009, p. 07).

Os entraves que perpassam a vida de Elizabeth, que advêm desde sua infância, mostram que ela sempre esteve em conflito com os padrões que a sociedade daquela época oferecia para as mulheres. Esses imbróglis estão a todo tempo em conflito com personalidade dela, que estava proibida pelo seu pai de realizar tarefas simples como brincadeiras que ele julgava apropriado para o sexo masculino. Do mesmo modo, a mesma se opunha àquelas regras e ordens advindas do mesmo. Como escreve Rocha (2009, p. 12), sobre Elizabeth, em seu livro “Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra”: “sempre fui muito teimosa, portanto, as ordens de meu pai nunca foram obstáculo para minha brincadeiras. Dava as minhas fugidas e ia até as casas dos moradores, procurando meninos para brincar”.

Sua infância, do mesmo modo, também foi marcada por alguns momentos de felicidades, assinalados por diversas brincadeiras com seus irmãos e irmãs. Ao mesmo tempo era proibida, junto com seus/suas irmãos/ãs, de brincar com os filhos/as dos moradores das terras de seu pai, essas determinações eram impostas por seu pai Manoel Justino. Mas, mesmo sendo impedida Elizabeth descumpria as ordens de seu pai e “fugia” para a casa dos moradores para brincar com as outras crianças.

Com isso, percebe-se que a personalidade de Elizabeth, a qual conhecemos hoje, é formada por traços que já se faziam presentes desde sua infância. Nota-se que essas questões que envolvem a sua resistência sobre determinados discursos, foram traçadas desde as décadas de 20 e 30 do século XX, onde estavam sendo implantados pela sociedade de forma mais concreta determinados comportamentos, que quando a figura era feminina essas condutas se avivam de forma mais inflexível.

Em meio a essas idas para casa dos moradores de seu pai, ela passa a observar a situação que aquelas pessoas eram submetidas a viver, situações diferentes das quais ela vivenciava. Ela tentava de alguma maneira interferir naquela conjuntura com a ajuda da sua mãe, preparando algumas refeições para uma moradora que estava de recém-nascido, ela estava a todo momento presenciando esses cenários de extrema vulnerabilidade em que aquelas pessoas estavam submetidas.

Elizabeth conheceu João Pedro no barracão que pertencia ao seu pai. Certo dia ela estava ajudando no comércio e João Pedro chegou para fazer compras, e assim começa a troca de olhares e o interesse de ambos. A partir deste momento a história dos dois inicia-se, e logo vão surgindo as barreiras que de certa forma constrói essas narrativas que hoje conhecemos. Um dos principais impedimentos é o seu pai, que não aceitava esse relacionamento de sua filha com João Pedro, mas ela decide não acatar aquelas determinações de Seu Manoel Justino e combina com João Pedro para fugirem, após a fuga casaram-se e foram morar com um parente dele.

A fuga de Elizabeth se dá justamente neste contexto da não aceitação de seu pai, ao seu envolvimento com aquele rapaz negro e de condições mínimas, tendo

em vista que naquela época era corriqueiro que os casamentos fossem “arranjados” pelos pais. Neste contexto, percebemos que a decisão de fugir com João Pedro marcou a vida dela até os dias de hoje, logo após se casarem na Igreja, vão juntos morar em Pernambuco, com um tio dele que era gerente de um engenho. “Sem possibilidades de acordo com o pai de Elizabeth, eles resolveram fugir e foram morar com o tio de João Pedro no engenho Massangana” (RANGEL, 2000, p. 146).

3 OS FILHOS DE ELIZABETH TEIXEIRA: UMA TRAMA, VÁRIAS HISTÓRIAS

Figura 2 – A família de Elizabeth Teixeira (1984)



Fonte: Imagem do Filme *Cabra Marcado Para Morrer*. Cineasta Eduardo Coutinho.

Dentro dessa história que coloca Elizabeth e João Pedro Teixeira enquanto protagonistas das Ligas, pouco se discute a presença dos seus 11 filhos (as) que de certa forma fazem parte deste contexto em que os mesmos estão inseridos também como objeto principal. Para tanto, discutiremos os impasses que perpassam essa narrativa histórica, demarcando os caminhos que alguns deles (as) foram obrigados a seguir. Uma trajetória que, sutilmente, é mostrada por pesquisadores que produzem sobre esta temática, concomitantemente eles (as) também se configuram como personagens na construção desse enredo.

Após o retorno de João Pedro e Elizabeth à Paraíba, e já diante de seu envolvimento nesses movimentos sociais, ele passa também a resistir a certos costumes advindos dos proprietários de terras em Sapé. Inclusive um desses proprietários era o pai de Elizabeth, Manoel Justino, que já nutria uma relação conflituosa com João Pedro porque ele era negro e não aceitava que sua filha se casasse com o mesmo. Neste contexto eles estavam morando em um sítio que pertencia ao pai dela.

A partir dessa volta deles à Paraíba, é que começa a luta em defesa dos camponeses, diante da indignação pela forma em que os proprietário de terras tratavam aqueles trabalhadores, logo, esse enfrentamento causaria reações perigosas. Uma dessas reações são as expulsões que os latifundiários passaram a fazer contra seus trabalhadores, inclusive os latifundiários que faziam parte do chamado “Grupo de Várzea”. Com isso, João Pedro também passa a ser alvo principal desses proprietários de terra, e a todo momento esse discurso do medo da morte se faz presente nas falas de Elizabeth.

Para tanto, ele foi assassinado em 02 de abril de 1962, quando voltava da capital paraibana, João Pessoa, em uma emboscada em Café do Vento, na estrada de Sapé. Sendo seus algozes um cabo e um soldado, a mando de Aguinaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Coutinho e Antônio José Tavares. João Pedro foi morto com tiros de fuzil. Tão logo a notícia chegou a sua esposa e também se espalhou em todo o país.

No dia 2 de abril de 1962, João Pedro foi assassinado numa emboscada quando retornava de João Pessoa para sua casa, localizada no Sítio Barra de Antas, na estrada de Sapé. A investigação do crime ficou por conta do chefe de polícia, delegado Chico Maria, que em 10 dias apresentou os assassinos cabo Antônio Alexandre da Silva, soldado Francisco Pedro de Silva [Chiquinho]. O terceiro sicário foi o vaqueiro Arnaud Nunes Bezerra, desaparecido até os dias de hoje. O delegado ainda denunciou os mandantes do assassinato do líder camponês: Aguinaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Coutinho e Antônio José Tavares (PARAÍBA, 2017, p. 23).

No ano de 1962, com o assassinato precoce de seu esposo, Elizabeth transfigura-se a principal líder das Ligas Camponesas de Sapé, do mesmo modo ela torna-se também a única responsável pelos(as) filhos(as). Diante dessa dubiedade, a mesma é obrigada a tomar uma decisão, cuidar dos filhos (as), ou cumprir o juramento que tinha feito ao seu companheiro defronte sua morte. Este discurso já fazia-se presente na sua relação com João Pedro perante o medo do que poderia acontecer com ele, o mesmo a indagava se ela continuaria sua luta à frente das Ligas. Assim, como descreve Alômia Abrantes da Silva, “Elizabeth narra a partir do seu lugar de ‘mulher’, de esposa de um líder, que ela, a partir de então, pretende assumir o lugar na luta, embora não fosse aquele para ela o início de sua atuação” (SILVA, 2008, p. 106).

Logo, aqueles algozes que perseguiram João Pedro, igualmente, passam a importunar Elizabeth. Em uma de suas ações enquanto líder, quando a mesma voltava para sua casa, foi surpreendida com policiais que estavam à sua espera para levá-la presa, isso aconteceu em 1964, nos primórdios da ditadura militar. É a partir deste momento que os(as) filhos(as) dela começam a ter suas vidas modificadas de forma mais intensa, levando em consideração que a morte de João Pedro, tenha deixado uma grande lacuna na família Teixeira, assim novas histórias vão surgindo dentro de contexto em que este casal é protagonista.

Sobre esse contexto histórico de lutas entre camponeses e latifundiários, em que João Pedro estava inserido, e posteriormente, Elizabeth, nos cabe narrar o que estes conflitos ocasionaram na vida de seus filhos(as), e a partir de suas próprias falas para a Comissão Estadual da Verdade, mostrar que eles(as) fazem parte desta história, e que de certa precisam nos contar suas trajetórias. E, como podemos perceber, alguns deles mesmo com o passar do anos continuam perpassados pelo sentimento de solidão pela ausência dos pais. Para Silva (2008, p. 109):

Nos depoimentos de alguns destes para o filme, percebe-se a demarcação do lugar da falta, uma justificativa de afeto calcada numa lembrança distante ou no referencial “natural” do que se deve sentir pela mãe, ou ainda uma cobrança velada pela dor da perda e/ou do abandono.

E, ao mesmo tempo, nota-se o sentimento de orgulho para com João Pedro, e de forma mais cintilante, com Elizabeth, pois a relação com ela ainda é marcada pela questão do “abandono”. Essa sensação é narrada pelos próprios filhos(a) em

algumas entrevistas. E também é presente nos discursos da própria Elizabeth, que em meio às suas narrativas sempre menciona esse episódio tão singular, e que ainda permanece presente esse distanciamento entre os irmãos(ã) e a mãe.

Para tanto, buscamos destacar o conflito entre dois de seus filhos, onde João Pedro Teixeira Filho (Peta), assassina seu irmão José Eudes. Tal fato ocorreu por conta de uma discussão acontecida nas terras que Elizabeth herdou de seu pai, e que ela disponibiliza para eles trabalharem, onde José Eudes tinha o desejo de construir uma associação que viesse a beneficiar os trabalhadores do campo, seguindo assim os caminhos do pai e da mãe, Peta sendo contrário a essa decisão, assassina o irmão e foge.

Destacamos agora a história de Maria José Teixeira, que a partir do momento da “divisão” passa a morar com uma tia, e que em sua entrevista para a Comissão da Verdade narra como aconteceu este fato, com isso, ela própria relata que nesta divisão foi rejeitada pelos familiares de Elizabeth, que estavam ali decidindo com quem cada qual ficaria, logo ela seria entregue a Bibi, que a rejeitou alegando que já tinha muitos filhos, mas o marido dele permite que ela fique morando com eles, e assim permanece morando com eles até se casar.

Marluce Altina Teixeira, a filha mais velha de Elizabeth e João Pedro, em meio a tantas angústias e adversidades que aquele momento de conflito contínuo impuseram, acaba não suportando e ingere veneno e vem a falecer mesmo sendo socorrida por sua mãe. Tal fato ocorreu logo após uma das prisões de Elizabeth. Como nos lembra a historiadora Elizabete Pedroza:

Elizabeth Teixeira perdeu contato com o restante dos filhos, onde os mesmos foram separados e criados alguns por seus pais e outros por seus irmãos, chegou a perder três filhos em consequência desses conflitos, sendo os mesmos as maiores vítimas dessa luta desigual e covarde contra o homem do campo (PEDROZA, 2016, p. 07).

Figura 3 – Marta Cristina Teixeira, filha de Elizabeth, em depoimento à Comissão Estadual da Verdade (2014)



Fonte: Arquivo da CEVPM-PB

Marta Cristina Teixeira, nasceu em 1950, quando sua mãe foi presa, coube a ela os cuidados com seus irmãos e irmãs menores. Desde sua infância, foi criada por sua avó Lia, mãe de João Pedro. Nota-se, a partir da fala de Marta em algumas entrevistas, uma mágoa em relação a seus pais, esse ressentimento foi nutrido por ela desde os seus 8 anos, quando seus pais passaram a cuidar novamente dela. Inclusive, ela mesma se considera “morta” desde essa época, então aos 20 anos

ela foi morar no Rio de Janeiro. Em alguns dos encontros com Elizabeth após sua anistia é nítido o distanciamento de Marta para com sua mãe. A perda do convívio foi o fator predominante para esse distanciamento entre as duas e também entre alguns de seus irmãos e irmãs.

Figura 4 – Marinês Teixeira, filha de Elizabeth, em depoimento à Comissão Estadual da Verdade (2014)



Fonte: Arquivo da CEVPM-PB

Marinês Altina Teixeira nasce em 1961, e, em meio a essa “divisão” que eles(as) foram submetidos, ela acaba ficando com seu avô materno Manoel Justino. A vida de Marinês, assim como a de todos(as) os(as) seus irmãos(ãs), não foi muito fácil. Ela ficou sob os cuidados de seu avô e de sua avó até os 11 anos, quando foi expulsa e deixada em uma estrada por seu avô. A partir desse período ela passa a morar nos fundos da casa de Antônio Vitor, um dos envolvidos no assassinato de seu pai, por este motivo Marinês fica morando no quintal; Antônio Vitor não aceitava filho de João Pedro em sua casa, lá ela conseguiu ficar até seus 12 anos de idade.

Ao saber que Marinês estava na casa de Antônio Vitor, Marta mandou buscá-la para morar com ela, e ela fica na casa dela até seus 14 ou 15 anos, quando a partir daí começa a seguir sua própria vida. Nas entrevistas com ela essa questão do distanciamento também se faz presente, mas ao mesmo tempo percebe-se um orgulho em saber da luta de Elizabeth e João Pedro; esses mesmos sentimentos, igualmente, são sentidos pelos demais filhos e filhas.

Isaac Pedro Teixeira, nasceu em 1948, em Pernambuco. Assim como os outros irmãos e irmãs, também seguiu sua trajetória distante dos pais, ele não estava na “divisão”, mas sentiu igualmente esse peso do abandono. Ele, aos 14 anos, vai para Cuba onde passa uma boa parte de sua vida. Em Cuba segue seus estudos e forma-se em Medicina. Segundo ele, enquanto esteve lá não chegou a entrar em contato com Elizabeth, e não sabia em que situação ela se encontrava. “Quanto aos seus estudos fora do Brasil e seu contato com Elizabeth Teixeira afirma que quando estava em Cuba não mantinha contato com a mãe, não sabia como ela estava” (PARAÍBA, 2017, p. 365).

Narrar essas histórias se faz necessário para que possamos compreender que há outros personagens por trás da história de Elizabeth e João Pedro, e que também merecem estar lugar nessa (re)construção histórica. A historiografia sobre os filhos e filhas deste casal é muito escassa, precisa-se discutir o que eles passaram e inseri-los de forma concreta nas produções que expõem esse contexto e a própria vida de Elizabeth.

4 ELIZABETH APÓS A MORTE DE JOÃO PEDRO

No que se refere às narrativas que envolvem Elizabeth, enquanto líder deste movimento, observa-se que o protagonismo de sua imagem se deu a partir da morte de João Pedro no ano de 1962. Antes essa luta era liderada por João Pedro, que percebeu que os latifundiários poderiam tirar sua vida, tendo em vista que esse movimento questionava diretamente as ações dessas pessoas poderosas e que seriam capazes de fazer qualquer coisa para assassiná-lo, e continuar a cometer as mesmas atrocidades com aqueles trabalhadores rurais que produziam em suas terras.

Após a morte de João Pedro, como já foi descrito, cabe a Elizabeth enquanto figura representativa daquele principal membro, assumir a liderança deste movimento que tinha como objetivo melhorar as condições de vida daquelas pessoas do campo. Elizabeth, a partir desse momento, vai trilhando sua própria trajetória enquanto líder, de forma similar aos caminhos que João Pedro e os demais líderes iniciaram. A sua presença vai ganhando forma dentro desse movimento, e fortalecendo ainda mais as Ligas Camponesas de Sapé, que segue dando continuidade às lutas e provocando de certa forma os proprietários de terra daquela região.

A partir do momento que ela se configura como presidente desta Liga, a mesma começa a organizar aqueles membros, com reuniões e movimentos, que buscam reivindicar seus direitos e resistir às práticas que os latifundiários cometiam diariamente. Com isso, Elizabeth inicia as negociações de forma direta com os proprietários intercedendo por aqueles trabalhadores(as) que se viram afetados pelas práticas a que eram submetidos, entre elas o aumento das taxas que eles pagavam.

Elizabeth passa a se tornar alvo desses grandes grupos de latifundiários, que a partir deste momento entram em confronto diretamente com ela, tendo em vista que a mesma em determinadas situações dialogava de forma direta com esses proprietários de terra. Como ela mesma narra em algumas entrevistas, em situações de conflito entre os trabalhadores e proprietários de terra ela interferia tentando dialogar para que não viesse a acontecer injustiças com os trabalhadores e trabalhadoras do campo. Elizabeth dirigiu a Liga de Sapé como presidente de 1962 a 1964, quando foi instaurado o regime militar no país, onde começaram a persegui-la até conseguirem prendê-la.

Logo após 1964, Elizabeth transfere sua identidade para Marta Maria da Costa passando a partir deste momento a viver na clandestinidade no interior do Rio Grande do Norte, na cidade de São Rafael. Para esse exílio ela só conseguiu levar apenas um de seus filhos, Carlos. Com esse anonimato em outra cidade, Elizabeth buscou outros meios de sobrevivência como a profissão de lavadeira de roupas e professora para as crianças daquela localidade em que ela passou a morar. Durante muitos anos em São Rafael ela não falava para aquelas pessoas quem era ela, conforme o passar do tempo e com um pouco mais de confiança, Elizabeth começa a expor alguns detalhes da sua vida para as pessoas que ela adquire confiança, contando que tem mais filhos, e também que era viúva.

Sobre essas narrativas que circulam sobre a vida de Elizabeth, até determinado momento não se tinha conhecimento de todos os impasses que a mesma já tinha vivenciado. Quando do lançamento do filme “Cabra marcado para morrer” (1984) o país inteiro passa a conhecer a trajetória dela e a partir daí começa

a se construir uma identidade de mulher resistente, mostrando que esse espaço de lutar por melhorias não deve ser unicamente associado à figura masculina, especialmente no campo.

Sua trajetória ficou conhecida nacionalmente com o filme (...) de Eduardo Coutinho, inicialmente produzido pelo Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), depois pela Mapa Filmes e pelo próprio Coutinho, lançado em 1984, no mesmo contexto da repercussão da morte de Margarida Alves e do filme "Parahyba Mulher Macho". Assim, além da sua história de vida está atravessada por signos que a inscrevem também no território de mulher brava, corajosa, líder, sua imagem é projetada num contexto fértil aos traços de heroicização de mulheres marcadas por histórias de violência e opressão, como nos casos de Anayde Beiriz e Margarida Alves (SILVA, 2008, p. 105-106).

O filme também se torna algo essencial para reforçar esse contexto histórico que as narrativas de Elizabeth Teixeira possuem. Cabe ao filme essa memorização de quem foi Elizabeth, o título faz menção a João Pedro, mas as narrativas da história que ele construiu estão a todo momento interligadas às delas. Após sua morte todas essas estruturas que compõem essas narrativas das Ligas Camponesas de Sapé passam a ser ligadas diretamente a ela, isso é afirmado pela própria Elizabeth em algumas entrevistas.

Elizabeth também candidatou-se a deputada estadual, como nos lembra Ayala Rocha, sobre ela: "o ano de 1962 marcou com ferro em brasa a minha vida. Foi também nesse mesmo ano que ocorreram as eleições, em outubro. Os companheiros e Julião insistiram muito para que eu aceitasse a minha candidatura a Deputada Estadual" (ROCHA, 2009, p. 111). Ela não obteve êxito nessas eleições, num contexto em que pessoas analfabetas não podiam votar, já Assis Lemos, que também liderou as Ligas, foi candidato e conseguiu se eleger.

Cabe destacar que Assis Lemos também contribuiu de forma singular para as Ligas enquanto Elizabeth era presidente, inclusive o mesmo conseguiu para Sapé o (SAMDU) Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência, para auxiliar os camponeses quando viessem a precisar de auxílio médico. Logo, ele também se torna vítima da ditadura militar de 1964, sendo preso acusado de matar um fazendeiro, junto com Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, companheiros das Ligas. Para tanto, nem no estado da Paraíba ele estava quando tal fato aconteceu, posteriormente o mesmo foi levado preso para a ilha de Fernando de Noronha.

Ao analisarmos a história de Elizabeth notamos que inúmeras questões perpassam sua existência há muito tempo, e que mesmo em épocas em que a sociedade condenava determinados espaços para as mulheres, a mesma se sobressaiu e conquistou lugares que culturalmente não podiam pertencer às mulheres. Então, podemos pensar Elizabeth a partir das questões de gênero e como símbolo de resistência às práticas de violência em que o corpo feminino foi e é submetido pela sociedade, mas que elas irrompem ocupando papéis e protagonismos reservados historicamente aos homens, como o papel de liderança.

Noutra perspectiva, também vale salientar o esquecimento e o silenciamento dessas mulheres que fizeram história – no caso de Elizabeth as discussões que operam ela como protagonista e símbolo de resistência são muito poucas. Apesar de ter contribuído com esse movimento social que visava melhorias para um conjunto de pessoas, as narrativas sobre seu protagonismo são quase que "esquecidas" para além do eixo Paraíba-Pernambuco. Quase não se fala da violência que ela foi submetida tanto pelos latifundiários como pelos militares que estavam no comando

do país. Sobre isso, e concordando com Susel Oliveira da Rosa (2015, p. 317):

Devo ressaltar ainda que, se as mulheres têm estado ausentes, com algumas exceções, nos textos históricos e nas produções biográficas e autobiográficas, em que se narram os acontecimentos da ditadura civil-militar, esse contexto é mais intenso quando falamos no Estado da Paraíba e, em especial, o interior: a região do Agreste e do Brejo paraibano. Espaço-território onde foram formadas algumas das mais conhecidas Ligas Camponesas do Nordeste (como as das cidades de Sapé e Guarabira). Espaço-território que, como enfatizei anteriormente, foi alvo de repressão intensa: tanto dos latifundiários (e seus pistoleiros), quanto do Estado.

Para tanto, também se faz necessário pensar Elizabeth enquanto uma mulher que questiona os espaços pré-estabelecidos pela sociedade para as mulheres. Essas ações trilham os caminhos dela desde muito cedo, e se firmam ainda mais a partir do momento em que ela se torna presidenta da Liga de Sapé. Essa personalidade de liderança vai moldando toda a trajetória dela, até durante o período em que passou refugiada em outra cidade, tendo que se reerguer em um lugar que não conhecia ninguém e ainda buscar meios para sobreviver; essas são marcas da história de uma mulher que teve que resistir às dicotomias que a ela foram impostas.

Em meio a todas essas circunstâncias, ela ainda se viu “obrigada” a deixar seus filhos para se refugiar. Percebe-se que a todo momento ela vai sendo compelida a tomar algumas atitudes, inclusive que causaram questionamentos até recentemente seja pelo “abandono” ou até mesmo pela decisão de continuar a luta de João Pedro. Com isso percebemos que esse “esquecimento” sobre as memórias é algo explicitamente intencional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas neste texto buscam destacar a vida de Elizabeth Teixeira, em diversos aspectos, sendo a sua infância, sua adolescência e posteriormente sua vida adulta e os caminhos que a mesma decidiu seguir após sua viuvez. Para tanto, mostramos as configurações que a fizeram ser uma mulher “marcada para viver”. Essa vivacidade é construída perante todas as circunstâncias de sua trajetória de vida, onde essa sua atenção para com os mais sofridos são presentes desde sua infância.

Outro viés da trajetória de Elizabeth é seu protagonismo enquanto líder de um movimento que se mostra com repercussão a nível nacional, a Liga Camponesa de Sapé, e que antes era liderada por seu esposo. É nesse contexto que Elizabeth ganha notoriedade sendo a primeira mulher a presidir uma Liga; com isso, ela, e outras, como Margarida Maria Alves, Ophelia Amorim e Penha Nascimento, citadas, vão quebrando a cultura de que mulheres só devem ser submetidas aos afazeres domésticos, e se dedicar exclusivamente aos cuidados dos filhos e do marido.

Noutro momento, descrevemos também o que de fato aconteceu com os filhos de Elizabeth, se tratando de 11 filhos, buscamos narrar apenas a história de alguns deles. E o que todo esse contexto em que ela estava envolvida pode causar nas vidas destes filhos, após ser perseguida pela ditadura e se ver forçada a se exilar. Por consequência, sendo ela a principal líder desse movimento, passa anos vivendo com outra identidade, em outro estado. Essa é uma das situações a que ela foi submetida, por defender os direitos dos trabalhadores do campo que viviam em condições indignas.

Logo, outras mulheres também vão se destacar diante dos movimentos que visavam melhorias para os trabalhadores rurais, assim como Elizabeth. Essas mulheres modificaram este semanário de liderança que eram exclusivamente destinados à figura masculina. É nesse contexto que começam a surgir outras mulheres engajadas nesses movimentos, principalmente após o assassinato de Margarida, é que se intensifica os movimentos liderados por mulheres do campo, que se inspiram nelas para seguir a luta. Ela, inclusive, que inspira a maior ação de mulheres da América Latina, a Marcha das Margaridas (SOBREIRA, 2022).

Com esse texto, procuramos contribuir para que a memória dessas mulheres, e especialmente de Elizabeth Altina Teixeira, e desses movimentos sociais não caiam no esquecimento. Se faz necessário refletir a que essas personagens foram submetidas por lutar por direitos iguais para que tivéssemos uma sociedade mais igualitária. Inclusive pagaram com suas próprias vidas, diante dos latifundiários que detinham (e ainda detêm) um poder singular, por vezes violento, e que ditou as marcas da ditadura civil-militar aqui no estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NUNES, Paulo Giovanni Antonino. Golpe civil-militar na Paraíba e a repressão no imediato pós-golpe. Simpósio Nacional de História, 26, São Paulo, 2011. **Anais...** (p. 01-13).

PARAÍBA. Comissão Estadual da verdade e da preservação da memória do estado da Paraíba. **Relatório Final**. João Pessoa: A União, 2017.

PEDROZA, Elizabete Bezerra. **A participação da mulher: contra a ditadura na Paraíba e em Campina Grande (1964-1985)**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

PESSOA, Victor Gadelha. **As Ligas Camponesas da Paraíba: história e memória**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte, esperança de vida: a história das Ligas Camponesas na Paraíba**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ROCHA, Ayala A. **Elizabeth Teixeira**: mulher da terra. João Pessoa: CCTA, 2016.

ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres *versus* ditadura, latifúndio e misoginia na Paraíba. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 20, n. 39, p. 309-324, 2015.

SILVA, Alômia Abrantes da. **Tessituras de gênero, desafios da história (Paraíba, século XX)**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Janaina Vicente da. **As mulheres vão à luta: experiência e resistência da paraibana Maria da Penha Nascimento Silva (1970-1991)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. **“Olha Brasília Está Florida, Estão Chegando As Decididas”**: **Experiências de um Feminismo Rural no Brasil a Partir da Marcha das Margaridas**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.